COMENTÁRIO SOBRE O TEXTO DE JOEL ROBBINS *PLURALISMO RELIGIOSO E PLURALISMO MORAL*¹

*Thomas J. Csordas**

Em sua reflexão sobre pluralismo, Joel Robbins desloca a base teórica de sua discussão do pluralismo religioso para o pluralismo de valores, e da religião para o ritual. Tais deslocamentos são legítimos pelas razões citadas por Robbins, porém, é importante considerar o que se perde e o que se ganha ao fazê-los. O afastamento do pluralismo religioso constitui, na realidade, dois afastamentos: o primeiro, do pluralismo religioso para o pluralismo de valores; e o segundo, para a multiplicidade de valores. A vantagem disso está em oferecer uma forma de lidar com valores conflitantes e/ou ranquear tais valores dentro de um sistema. Por outro lado, ampliar a discussão de religião para valores é um desvio em relação à questão do valor último inerente às discussões sobre religião, além de não oferecer motivos para que se discuta a tolerância entre os adeptos de diferentes configurações religiosas ou de diferentes valores, que é fundamental em situações de pluralismo religioso. O afastamento de religião para ritual permite uma maior especificidade no tratamento dos dados observados como comportamento e desempenho em contextos sociais diversos, com a vantagem de eliminar as barreiras impostas pelos sistemas culturais ou pelas classes sociais. Por outro lado, esse afastamento torna a identificação do pluralismo na forma de sistemas equivalentes de práticas e alternativas situacionais específicas, que podem ser entendidas como aspectos complementares de um único sistema, um pouco mais difícil.

Finalmente, torna-se claro que um terceiro afastamento também está envolvido, que é o da diversidade cultural, mencionada no título do artigo de Robbins, para o da diversidade intracultural, que ocupa muito do seu

¹ Tradução de Lauren Rodrigues e Revisão Técnica de Rodrigo Toniol

* Professor na Universidade da Califórnia San Diego (UCSD). Contato: tcsordas@ucsd.edu

argumento; e, porque esse afastamento não se torna explícito, cria-se uma certa ambiguidade entre os níveis de análise intercultural e intracultural.

Uma questão que sustentaria maior elaboração é a reivindicação de que os rituais permitam que as pessoas se comprometam com um valor moral de cada vez. As teorias representativas e performativas sobre os rituais que Robbins invoca não servem como argumentos convincentes para a tese de que os rituais envolvem valores únicos. Parte do problema reside em como analisar tais valores e em ser ou não possível – ou desejável – analisá-los em categorias subordinadas. Outra questão na identificação dos tipos de valores é como se pode (se é que se pode) distinguir entre os rituais complexos e os atos ritualísticos distintos ou individualizados, da qual Robbins não trata. Kapferer, um dos autores que Robbins cita nesse contexto, apresentou análises sobre complexos rituais de exorcismo cingalês, que indicam uma multiplicidade de valores que não pode ser facilmente reduzida a um único: cura, reconhecimento de contingência, intencionalidade humana, ordem cosmológica e moralidade. Até mesmo um simples ato ritualístico, como o de abençoar, representa tanto o valor da benevolência quanto o da hierarquia, uma vez que, na maioria das vezes, um certo *status* autoriza uma pessoa a abençoar outra, mas não autoriza uma bênção recíproca. Retornando para um exemplo do próprio Robbins, enquanto o ato de aplaudir uma palestra acadêmica no seu final representa educação, para aqueles que realmente acharam a palestra boa, isso também representa valores de eficiência performativa e de reconhecimento da contribuição intelectual.

Além disso, a roda de incorporação e o sacrifício do porco realizados pelos urapmins parecem alcançar valores únicos mais claramente apenas quando relativos um ao outro, em um sentido estrutural. Não só é questionável se esses rituais devem ser considerados valores religiosos, mas também não está claro, na análise de Robbins, que outros valores eles poderiam expressar.

O ritual da roda de incorporação, feito por uma coletividade posicionada em um círculo, sustenta picos de racionalidade, apesar de alguns indivíduos estarem contorcendo-se, em transe, no chão. A persistência do sacrifício

do porco como um rito em justaposição à roda de incorporação, no ápice de todos os outros ritos cristãos, estabelece uma oposição simbólica, que constitui uma âncora desequilibrada não apenas para um único valor, mas para uma série de valores emparelhados sobre individual/coletivo, natureza/cultura e tradicional/moderno. Robbins também sugere que uma análise em termos de pluralismo religioso enfatizaria o conflito entre os dois rituais como representações de situações contraditórias, mas este não é, necessariamente, o caso, porque o pluralismo pode ser interpretado como formas alternativas de fazer a mesma coisa, como formas complementares de direcionar diferentes questões em uma divisão de trabalho ou como a prerrogativa de diferentes agremiações, que podem ser tolerantes perante um ou outro e até mesmo abertas para participar em um ou outro rito (por exemplo, um cristão sujeitando-se a uma circuncisão ou um judeu a um batismo).

O que acho mais intrigante sobre a discussão proposta por Robbins são os exemplos fracassados de ritual, embora eu daria pequenas voltas interpretativas a mais do que ele. O ritual fracassado do funeral é fascinante, não como um exemplo fracassado de pluralismo ou de multiplicidade, no sentido de tentar introduzir um novo valor, mas na maneira como proporcionou uma forma culturalmente irreconhecível de interpretar um valor tradicional. Robbins sugere que o fracasso foi devido à doação de comida, que abdicou da reciprocidade que define o interacionismo. Uma explicação alternativa é que, enquanto o interacionismo no rito tradicional foi expresso em termos de reciprocidade (com a troca de bens exatamente equivalentes e o subsequente retorno à privacidade), o interacionismo na inovação fracassada era para ser expresso em termos de comunhão (todos compartilhando da mesma comida uns com os outros). Outro ritual fracassado, um que fosse acarretar ação coletiva por um espírito feminino contra todos os espíritos da natureza, apresenta o trabalho da cultura precisamente por existir apenas como uma possibilidade virtual, e também o faz por implicitamente reconhecer modos incomensuráveis de interpretar o mesmo valor. De acordo com Robbins, esse ritual virtual não exorcizaria todos os espíritos da natureza do território

urapmin, mas permitiria que as pessoas os desprezassem. Nesse caso, o valor do indivíduo como sujeito de salvação é justaposto ao valor negativo do indivíduo como fonte de ganância pecaminosa, e ambos estão suspensos em um estado de tensão permanente, por causa da possibilidade não realizada de eliminação da influência relacional dos espíritos da natureza.

Recebido em: 14/04/2014

Aprovado em: 10/05/2014